

CAVALCANTI, Lailson de Holanda. *Historia del humor gráfico en el Brasil*. Lleida: Editorial Milenio, 2005. 334 p.

Rodrigo Rodrigues Tavares

Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Doutorando em História pela USP. Autor do livro *A "Moscouzinha" brasileira: cenários e personagens do cotidiano operário de Santos (1930-1954)*. São Paulo: Humanitas: Fapesp, 2007.



**CAVALCANTI, Lailson de Holanda. *Historia del humor gráfico en el Brasil*. Lleida: Editorial Milenio, 2005. 334 p.**

O humor gráfico, seja ele na caricatura, charge, história em quadrinhos, entre outros, ganha mais espaço no Brasil: proliferam as publicações de antologias de diversos autores, as traduções de clássicos estrangeiros, os sites especializados, as charges animadas nas emissoras de TV, e, acompanhando esse movimento, os estudos sobre o assunto nas universidades. No entanto, nenhum desses estudos têm a proposta abrangente e audaciosa presente no livro *História del humor gráfico en el Brasil*, de Lailson de Holanda Cavalcanti, publicado em 2005 na Espanha, pela editorial Milênio. A obra faz parte da coleção *História del humor gráfico*, que já lançou obras similares sobre Cuba, México, Espanha, Portugal, Uruguai e Venezuela.

O livro abarca um período com início em 1500 e término em 2004, tendo como foco os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco, mas esta abrangência geográfica aumenta para os demais estados da federação, especialmente na história mais recente. O tamanho dessa empreitada está distribuído em 334 páginas com cerca de 400 imagens entre reproduções de quadros, vinhetas, caricaturas, charges, capas de revistas e jornais etc. Tamanha quantidade de material iconográfico faz com que a obra seja tanto para ser lida no texto como nas imagens.

Desde a publicação da *História da caricatura no Brasil*, de Herman Lima, em 1963, referência obrigatória sobre o assunto,

nenhum autor buscou fazer um trabalho tão abrangente e minucioso sobre o tema. Já foi levantada a hipótese de que o trabalho de fôlego de Lima acabou por inibir estudos mais sistemáticos sobre a questão. Dessa maneira, a própria publicação da obra de Lailson já preenche um espaço importante. O autor é desenhista e, portanto, também personagem do livro, além de pesquisador e colecionador. Esse caráter multifacetado ajuda a encarar a difícil tarefa de dar conta de mais de 500 anos de humor gráfico.

A organização estrutural da obra se dá por ordem cronológica, em 12 capítulos que, em geral, utilizam como referência o contexto histórico vivido pelo país. Dentro dos capítulos o autor faz subdivisões que geralmente privilegiam os estados da Federação, que, por sua vez, estão organizadas por periódicos e/ou desenhistas. Dessa maneira, a obra certamente abre espaço de discussão com vários pesquisadores que desenvolvem pesquisas monográficas sobre temas, periódicos e autores presentes no livro.

Com tamanha amplitude, vários de seus capítulos ou subdivisões dariam outros livros, a obra se transforma em fonte de consulta para vários tipos de leitores, com interesses diversos, gerando muitos assuntos para uma resenha. Todavia, um aspecto que deve ser ressaltado numa obra que trata do humor gráfico é a sempre difícil relação entre texto e imagem, dois códigos de comunicação distintos.

Lailson aborda o contexto político e cultural do país, algo necessário para entender as imagens, mas o seu trabalho poucas vezes faz uma análise mais aprofundada das imagens presentes ao longo das páginas. A definição de qual é a primeira caricatura publicada no Brasil é amplamente debatida, mas muitas das demais imagens são meramente acessórias, “ilustram” o trabalho de algum artista. Sem dúvida, em um livro sobre humor gráfico, o leitor espera a reprodução de caricaturas e charges, mas sendo elas as principais fontes históricas, valeria a pena uma análise mais detalhada das mesmas. Para o leitor, basta ver como muitas delas podem ser dispensadas do livro, ainda que isso diminua o prazer da obra, sem comprometer ou acrescentar algo às informações presentes no texto.

O lançamento do livro na Espanha determina algumas características específicas por ser voltado para o público estrangeiro. A ordem cronológica adotada pelo autor ajuda o leitor não familiarizado com a nossa história, assim como o texto também vai ao auxílio desse público ao ser acessível, contando o contexto histórico em que estão inseridas as imagens, e, de certa maneira, a história nacional. Assim, o leitor estrangeiro conhece não só o humor gráfico no Brasil, como também o contexto geral da história do país. Se para o estrangeiro, sem essas informações, as imagens seriam incompreensíveis. Para o brasileiro familiarizado com o contexto básico da história do país, algumas passagens ganham um caráter mais didático, longe de ser fundamental para o entendimento do humor gráfico.

Alguns pontos precisam, também, ser analisados pelo fato do livro estar escrito em espanhol. Como não consta nome de tradutor, aparentemente, o próprio Lailson Cavalcanti

escreveu em espanhol. O autor fala sobre a situação política de Pernambuco citando as “oligarquias feudales” (p.123) do estado. Por muito tempo, parte da historiografia, principalmente aquela ligada ao Partido Comunista Brasileiro, defendeu a tese do feudalismo no Brasil, dentro de uma visão esquemática em que o próximo passo seria o capitalismo e, então, o almejado socialismo. Provavelmente, Lailson usou a expressão para facilitar o entendimento do leitor espanhol possibilitando a comparação com a história de seu país. Ainda assim, a expressão ecoa uma discussão hoje superada. Já o desenho (p.235) em que se vê o contraste de riqueza entre as moradias da planície e as do morro tem como título “Abaixo, o capitalismo” e, ao ser vertido para o espanhol, foi omitida a vírgula, o que acaba com a ironia original. Há também um desenho de um avião em queda livre (p.253) em que o comandante e o copiloto conversam, um em espanhol e outro em português, ficando o leitor na dúvida se era assim no original. Há ainda uma referência ao “estado” de Fortaleza (p.254).

Um dos aspectos que mereceria melhor cuidado, especialmente para o leitor especializado, é o das fontes. Ao longo do trabalho, alguns sites (p.318) e livros (p.67, 251, 304, 307) são citados, mas não incluídos na bibliografia final. A bibliografia conta ainda com algumas ausências que poderiam auxiliar a pesquisa. O autor deu ênfase maior às publicações dos cartunistas, deixando de lado alguns trabalhos acadêmicos importantes. Os livros de Gonçalo Junior, *A Guerra dos Gibis*, de Goida, *Enciclopédia dos quadrinhos*, de André Toral, *Imagens em desordem*, os de Álvaro de Moya, *História da história em quadrinhos e Shazam!*, e os de Marcos Silva, *Prazer e poder do Amigo da Onça e Caricata república – Zé Povo e o Brasil*

são trabalhos que contribuíram para a história do humor gráfico no Brasil, mas não são citados na obra de Lailson. No caso específico do personagem Amigo da Onça, o estudo de Marcos Silva trata especificamente dessa criação de Péricles, mas Lailson cita o personagem sem fazer qualquer referência ao estudo pioneiro de Silva.

Também facilitaria ao pesquisador conhecer os acervos pesquisados, quais bibliotecas e arquivos foram consultados na localização das imagens, o que só valorizaria a ampla pesquisa empreendida pelo autor. Como são muitos os desenhistas e os periódicos citados, também seria de grande auxílio um índice onomástico. Ainda que esses cuidados editoriais sejam menos importantes para o público espanhol.

No que diz respeito à periodização, o autor segue a tradicional que vai do descobrimento do Brasil pelos europeus até os dias atuais, 2004, com o governo Lula, uma visão panorâmica que muito auxilia o leitor estrangeiro. Todavia, ao valorizar a imagem como fonte histórica, o autor poderia ter construído uma periodização que tivesse como base as próprias imagens. Já que o próprio autor dá ênfase à questão da primazia - ao ressaltar o primeiro processo contra o humor (p.55), a primeira análise da caricatura (p.83), a primeira mulher desenhista (p.105) o primeiro diário a cores (p.100) o primeiro número da revista *Careta* (p.106), o primeiro historiador da caricatura (p.117) e discute, inclusive, a primeira caricatura no Brasil, em uma interpretação original, contrária àquela expressa por Herman Lima - ficaria mais coerente com uma história do humor gráfico se o autor tomasse as imagens como eixo de periodização.

Ainda com relação à periodização, de certa maneira, o autor "atualiza" o trabalho de Herman Lima de 1963 pois, ao mesmo tempo que aborda desenhistas consagrados já trabalhados por Lima, Lailson também tem a oportunidade de fazer um amplo painel dos artistas que atuaram no período da ditadura brasileira, quando o humor foi uma arma importante de contestação ao regime, e na redemocratização.

E termina a obra ressaltando que é o começo "de un nuevo siglo, de una nueva etapa en la historia del humor gráfico em Brasil" (p.323). Analisa então o humor gráfico no governo Lula, que ainda estava no começo quando da concepção do livro, tocando em uma questão interessante. Tendo em vista que tradicionalmente a caricatura e o riso servem contra o poder instituído, esse novo milênio do humor gráfico está ligado, evidentemente, à ascensão ao governo de uma figura que por muito tempo contou com a simpatia de muitos caricaturistas. O que coloca dilemas a serem enfrentados tanto pelos desenhistas como para os historiadores que enfrentam o assunto. Lailson constata que "muchos dibujantes no quieren hacer críticas, porque creen que es muy temprano" (p.322) e complementa "como la mayoría de los dibujantes y humoristas gráficos, el *Pasquim 21* también tiene sus esperanzas en el nuevo gobierno, pero deja um espacio para las críticas a los deslices políticos que van surgiendo" (p.323).

Fica implícita a tarefa futura de abordar o humor nesta nova fase. Mas antes de auxiliar na construção do conhecimento histórico sobre o humor gráfico do novo milênio, vale aprofundar a pesquisa do período anterior e, para isso, o pesquisador tem nas mãos uma obra abrangente e referência fundamental

sobre o tema. Como o próprio autor reconhece ante a magnitude da tarefa a que se propôs traçar, seu objetivo era facilitar "el máximo de datos que permita a otros investigadores profundizar más en este estudio."(p.324). Portanto, seguindo os próprios anseios do autor, o livro acaba fazendo um convite necessário para que outros historiadores voltem as suas pesquisas para o período retratado, embora sem abrir mão do prazer que é rir das sátiras à política brasileira neste novo milênio.

### Bibliografia

- CAVALCANTI, Lailson. *História del humor gráfico en el Brasil*. Lleida: Editorial Milênio, 2005.
- GOIDA. *Enciclopédia dos quadrinhos*. Porto Alegre: L & PM Editores, 1990.
- JUNIOR, Gonçalo. *A Guerra dos gibis: a formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos 1933 – 1964*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.
- MOYA, Alvaro de. *História da história em quadrinhos*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Shazam!* São Paulo: Perspectiva, 1977.
- SILVA, Marcos A. da. *Caricata república: Zé Povo e o Brasil*. São Paulo: Marco Zero, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Prazer e poder do Amigo da Onça 1943-1962*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- TORAL, André Amaral. *Imagens em Desordem: a iconografia da guerra do Paraguai*. São Paulo: Humanitas, 2001.